

DO ANTAGONISMO À SAÚDE CONSCIENCIAL: ESTUDO DE CASO

Priscila Cervello

Administradora, com graduação em Administração e Direito, voluntária do Instituto Internacional de Projeciologia e Conscienciologia (IIPC), pricervello@gmail.com.

RESUMO. Este artigo tem por objetivo demonstrar, através das quatro fases da autoconsciencioterapia: (1) *autoinvestigação*; (2) *autodiagnóstico*; (3) *autoenfrentamento*; (4) *autossuperação*, o processo de superação do traço de antagonismo em relação à Conscienciologia vivenciado pela autora. A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica e os relatos pessoais da autora, os quais abordam desde os primeiros contatos com a Conscienciologia até a fase atual, na qual, após enfrentar todas as fases da autoconsciencioterapia, ingressou para o voluntariado e iniciou a docência conscienciológica. Apresentando resultados de suas autopesquisas, a autora busca destacar a importância da saúde consciencial no processo de superação de traços arraigados, atravancadores da evolução de cada consciência.

PALAVRAS CHAVE. Conflituosidade, Maturidade, Posicionamento, Docência.

INTRODUÇÃO

Tema. Este artigo apresenta o processo de superação do antagonismo em relação à Conscienciologia vivenciado pela autora, que, após ter enfrentado todas as fases da autoconsciencioterapia ingressou no voluntariado e posicionou-se para a docência conscienciológica.

Objetivo. O objetivo do presente artigo é, com o relato da experiência vivenciada pela autora, através das quatro fases da autoconsciencioterapia: (1) *autoinvestigação*; (2) *autodiagnóstico*; (3) *autoenfrentamento*; (4) *autossuperação*, demonstrar o processo de superação do traço de antagonismo em relação à Conscienciologia, esclarecendo o contexto de outras consciências intermissivistas não despertas para a execução de sua programação existencial e evolução pessoal.

Problema. Como problema, destaca-se o porquê da Conscienciologia ter gerado antagonismo no microuniverso consciencial da autora e, por vezes, gerar antagonismo por parte de alguns membros da sociedade. Ponto relevante é o fato de tratar-se de neociência, cujos avançados conceitos causam estranheza para a sociedade limitada aos paradigmas mecanicista, materialista e desconsiderando a multidimensionalidade.

Justificativa. Este estudo baseia-se na relevância negativa que o antagonismo possui no processo evolutivo de diversos intermissivistas, ainda não cientes do seu papel de minipeça em um maximecanismo assistencial, pelos mesmos motivos retardadores do processo de posicionamento assistencial da autora. Observa-se que ainda existem consciências antagônicas em relação à Conscienciologia, inclusive intermissivistas ainda não despertos à sua programação existencial. Por esta razão, a viabilidade deste estudo decorre da teática de superação da autora em relação ao tema.

Com essa superação, verificou-se uma oportunidade de esclarecer tanto a quem apresenta traços de antagonismo em relação a esta neociência, quanto ao voluntário ou pesquisador com família ou cônjuge antagônicos.

Metodologia. A autora utiliza além dos relatos pessoais e experiências vividas, os resultados da autoconsciencioterapia, a partir dos atendimentos intensivos de consciencioterapia realizados em 2010. Serão utilizados ainda recursos bibliográficos específicos, a exemplo da Enciclopédia da Conscienciologia, artigos de outros pesquisadores da Conscienciologia, Dicionário Houaiss, entre outros.

Estrutura. Na estruturação do artigo, inicialmente, apresentam-se alguns conceitos básicos correlacionados com a temática e, posteriormente, o artigo segue estruturado de acordo com as quatro fases da autoconsciencioterapia. Por fim destacam-se as conclusões da autora.

Área ou especialidade. Áreas ou especialidades correlacionadas com esta pesquisa: Antagonismologia, Consciencioterapia, Maturologia, Conviviologia, Grupocarmologia.

CONCEITOS BÁSICOS

Antagonismo. De acordo com o dicionário Houaiss, antagonismo diz respeito à oposição de ideias, sistemas ou grupos sociais (HOUAISS & VILLAR, 2009). Assim, é possível definir antagonismo como sendo a incompatibilidade de inclusão em determinado grupo evolutivo, em decorrência da oposição das ideias. Esta incompatibilidade pode perdurar por períodos diferentes para cada consciência, podendo inclusive ultrapassar mais de uma vida.

Etimologia. O termo antagonismo deriva do idioma Francês, *antagonisme*, e este do idioma Grego, *antagonisma*, “antagonismo; oposição; contrariedade”. Surgiu no Século XIX.

Saúde Consciencial. A saúde consciencial diz respeito à condição de homeostase, de equilíbrio e saúde integral buscada pelas consciências posicionadas pela evolução pessoal.

Etimologia. O termo saúde deriva do idioma *salus*, “salvação; conservação (da vida) afastamento do perigo; vida”. Surgiu no Século XII. A palavra *consciência* deriva do idioma Latim, *conscientia*, “conhecimento de alguma coisa comum a muitas pessoas; conhecimento senso íntimo”, e esta do verbo *conscire*, “ter conhecimento de”. Apareceu no Século XIII.

Maturidade Consciencial. A maturidade consciencial refere-se à condição de madureza do princípio consciencial, caminhando para o pleno desenvolvimento em sua evolução ou progressão multidimensional, holobiográfica e multimilenar (Vieira, 1999, p. 366).

Etimologia. O termo *maturidade* vem do idioma Latim, *maturitas*, “maturidade; madureza; maturação; maturação; tempo próprio; o maior grau de desenvolvimento; complemento; perfeição”. Apareceu em 1873. A palavra *consciência* deriva do idioma Latim, *conscientia*, “conhecimento de alguma coisa comum a muitas pessoas; conhecimento senso íntimo”, e esta do verbo *conscire*, “ter conhecimento de”. Apareceu no Século XIII.

Consciencioterapia. A Consciencioterapia é a especialidade da Conscienciologia responsável por aprofundar a saúde consciencial, a partir do fomento em especial a autoconsciencioterapia, como sendo ferramenta evolutiva em busca da superação de distúrbios da consciência.

Etimologia. O termo *consciência* deriva do idioma Latim, *conscientia*, “conhecimento de alguma coisa comum a muitas pessoas; conhecimento; consciência; senso íntimo”, e esta do verbo *conscire*, “ter conhecimento de”. Apareceu no Século XIII. O vocábulo *terapia* vem do idioma Francês, *thérapie*, derivado do idioma Latim Científico, *therapia*, e este do idioma Grego, *therapeia*, “cuidado; atendimento; tratamento de doentes”. Surgiu em 1899.

AUTOCONSCIENCIOTERAPIA

Autoconsciencioterapia. A autoconsciencioterapia parte da autoaplicação de técnicas consciencioterápicas, com foco no processo evolutivo pessoal, onde a consciência é terapeuta de si mesma. De acordo com Takimoto (2006) no artigo Princípios Teáticos da Consciencioterapia, constituem, didática e resumidamente, etapas da autoconsciencioterapia:

a. **Autoinvestigação:** é a investigação feita em si mesmo, adentrando a própria consciencialidade e procurando identificar mecanismos de funcionamento, bem como as próprias patologias e parapatologias. Abrange um conjunto de técnicas auxiliaadoras de cada consciência na realização de uma autoanálise.

b. **Autodiagnóstico:** é a condição de entendimento de si mesmo, de autoconhecimento e de compreensão dos próprios mecanismos de defesa. Esta etapa ocorre quando a pessoa identifica sem dúvida, o próprio mecanismo de funcionamento, bem como os traços a serem reciclados e como produzir as reciclagens necessárias.

c. **Autoenfrentamento:** conjunto de ações para estabelecer mudanças necessárias para a autossuperação. Qualquer consciência, quando efetivamente posicionada a movimento autoconsciencioterápico é capaz de fazer o autoenfrentamento, sendo esta a única forma de substituir atitudes e mecanismos de funcionamento obsoletos.

d. **Autossuperação:** condição intraconsciencial e holossomática, resultado do autoenfrentamento, demonstrando à própria consciência a superação, o alívio ou remissão da patologia ou parapatologia vivenciada.

Autopesquisa. Com base nesta divisão didática das etapas da autoconsciencioterapia, a autora buscou embasar sua autopesquisa teática de superação do antagonismo em relação às ideias da Conscienciologia, bem como a acomodação consciencial por ela vivenciada na época.

Saúde Consciencial. Baseando-se nos conceitos de saúde consciencial, a autora enfrentou uma condição de desequilíbrio em sua saúde, considerando o fato de estar vivenciando, naquele momento, diversos conflitos existenciais hoje superados. A busca, após esta superação passou a ser pela saúde integral e maturidade consciencial.

Maturidade Consciencial. A maturidade consciencial caracteriza uma condição *sine qua non* para o processo evolutivo de cada consciência, lúcida do seu papel de minipeça no maximecanismo assistencial, com foco no completismo existencial.

1. Etapa da Autoinvestigação

Autoinvestigação. Visando realizar a autoinvestigação, a autora demonstra nas linhas abaixo, relatos de fatos da sua história com o objetivo de contextualizar o seu processo do antagonismo à Conscienciologia.

- ⇒ **Infância.** Nascida em família extremamente religiosa, com membros evangélicos e outros católicos, a autora foi batizada, catequizada e crismada na Igreja Católica, participando eventualmente de alguns cultos Evangélicos, vivenciando intensamente o processo religioso em todos os grupos nos quais estava inserida durante a infância.
- ⇒ **Adolescência.** Durante a adolescência, a autora ingressou para o grupo de jovens da igreja, no qual permaneceu participando durante toda sua adolescência e juventude. Foi justamente nesta fase que conheceu seu atual duplista.
- ⇒ **Namoro.** O relacionamento afetivo com o duplista sempre foi muito produtivo para a autora, que passou a vivenciar um contexto grupal de maior busca por desenvolvimento e cri-

ticidade. Durante anos, tinha o relacionamento perfeito para os padrões sociais do seu grupo. Tinha o namorado que era participante da Igreja, e ainda possuíam elevado nível de afinidade. Após anos de relacionamento seu namorado acessou as ideias da Conscienciologia e passou a participar de alguns cursos e palestras. Desde o início, ele apresentou grande afinidade cognitiva e logo tomou conhecimento da técnica da Inversão Existencial, optando por sua aplicação. Esta decisão foi de difícil aceitação pela autora, pois até então, estava seguindo os padrões sociais, almejando casar e ter filhos.

- ⇒ **Separação.** Em 2006 seu duplista mudou-se para outra cidade, onde passou a aprofundar cada vez mais os estudos da Conscienciologia ingressando, inclusive, para o voluntariado e docência. Tal fato ocasionou ainda mais conflitos no relacionamento do casal em razão da divergência de objetivos de vida. Após muita conversa, em 2007, concluíram ser a separação a melhor alternativa para aquele momento. Este foi um momento muito difícil para a autora, na época bastante emocional, acabou interpretando a separação como sendo uma demonstração de que ele estava escolhendo a Conscienciologia, e não o relacionamento, demonstrando muitas vezes elevada dependência afetiva do namorado.
- ⇒ **Reconciliação.** Por seis meses ficaram separados, e, ao final do mesmo ano tiveram uma longa conversa, onde a autora adotava postura absolutamente reativa às ideias da Conscienciologia, refutando de maneira indiscriminada a questão da multidimensionalidade, da multiexistencialidade e da multiveicularidade. Cada argumento trazido por ele era imediatamente refutado como sendo fantasia decorrente da lavagem cerebral a qual supostamente era submetido no local que na época denominava como sendo uma “seita”. Mantendo a grande afinidade afetiva que possuíam, decidiram reatar o relacionamento não se casando e deixando a decisão quanto aos filhos para um momento mais adiante, pois não era desejo urgente ou decisão a ser tomada de imediato.
- ⇒ **Antagonismo.** Após reatarem, seu duplista logo voltou a residir na mesma cidade da autora e foram morar juntos, porém o antagonismo persistia e em cada dia de voluntariado dele uma nova briga ocorria. Utilizando argumentos falaciosos diversos, a autora manifestava sua vontade do parceiro “abandonar” a Conscienciologia. Apesar de terem reatado, a autora ainda apresentava profundo grau de antagonismo às ideias da Conscienciologia, as quais, de início lhe pareciam algo fora de contexto e não faziam parte da sua acomodada e neofóbica rotina. Além do fato de desconstruir todo um paradigma consolidado ao longo de vários anos, dentro da família, igreja e seu contexto social.
- ⇒ **Waldo Vieira.** Para a autora, a projeção consciente parecia algo fantasioso e fora da realidade, sentia muito medo de o namorado estar sofrendo alguma espécie de lavagem cerebral ou estar sendo condicionado a acreditar naquilo que ela considerava ser uma “nova seita”. O maior antagonismo vivenciado pela autora foi em relação à personalidade do Professor Waldo Vieira, uma vez que este era o proponente das ideias que para ela, naquele momento, estavam prejudicando seu relacionamento.
- ⇒ **Tridotação na Invéxis.** No auge de seu antagonismo, concordando com o companheiro, a autora foi até Foz para realização do curso Prática da Tridotação na Invéxis. Foi bastante difícil para a autora se manter racional durante o curso, pois a técnica da invéxis, em especial o fato de não casar e não ter filhos era a principal razão para todo o seu antagonismo. Foram dias de muito choro e emocionalismo exacerbado.

Postura. Mesmo indo até Foz do Iguaçu e realizando o curso, a autora mantinha-se contrária à Conscienciologia, apesar de ter gostado de algumas ideias, mantinha a postura de antagonismo. Talvez por ter feito o curso principalmente por influência do companheiro e não por um autoen-

frentamento efetivo, talvez porque o curso dizia respeito justamente à técnica maior causadora da aversão da autora à Conscienciologia.

2. Etapa do Autodiagnóstico

Autodiagnóstico. Destacam-se abaixo alguns dos argumentos falaciosos, utilizados pela autora, em relação ao comportamento do parceiro, usados como justificativa ao processo do antagonismo, fazendo um cotejo com as verdadeiras razões para tais argumentos:

Os argumentos falaciosos	As razões verdadeiras
Dedicava-se muito ao voluntariado.	Querer atenção e dedicação exclusiva.
Nunca tinha tempo para o casal.	Emocionalismo exacerbado.
Preferia voluntariar a ficar comigo.	Competição desmedida de atenção.
Ele era muito radical e idealista.	Acomodação consciencial da autora.
E se tudo isso for uma “nova seita”?	Matriz pensênica religiosa.
A fé é inquestionável.	Neofobia.
O casamento como objetivo de vida.	Seguir um ritual e manter-se aceita em seu meio.
Ter filhos também é fazer assistência.	Foco na pressão social e familiar para ter filho.
Choros constantes.	Vitimização como ferramenta de manipulação.

Egoísmo. A primeira razão apontada pela autora decorria do fato de seu companheiro dedicar muito tempo à Conscienciologia, porém a verdadeira razão era o desejo de monopolizar a atenção e dedicação exclusiva para si. Tal fator demonstra um movimento absolutamente egoístico de querer seu cônjuge para si, como se fosse uma propriedade adquirida, desconsiderado todo o processo de constituição de um casal enquanto dupla evolutiva num processo assistencial e em prol da própria evolução e da interassistência.

Emocionalismo. Demonstrando emocionalismo exacerbado, o psicossoma predominava em quase todas as suas manifestações. Acabava muitas vezes manipulando o companheiro através de posturas dramáticas e chorosas, para com isso conseguir alcançar sua vontade: mantê-lo distante da Conscienciologia e próximo a si.

Competição. Apresentando elevado grau de competição pela atenção do companheiro com o voluntariado, a autora demonstrava novamente o traço do egoísmo, pensando em si e no tempo longe dele, desconsiderando todo um trabalho assistencial a ser feito.

Acomodação. Existia, na verdade, elevado nível de comodismo consciencial, decorrente da própria mesologia, mas também em razão do próprio comodismo da autora. Não possuía como valor a busca de condição evolutiva melhor, sem perceber a importância da interassistência.

Radicalismo. Em razão da acomodação acima mencionada, o fato de seu companheiro priorizar o trabalho assistencial, era tido pela autora como radicalismo, transformando algo extremamente positivo em negativo, como se fosse possível criticar o fato de alguém querer fazer um trabalho efetivamente assistencial.

Religiosidade. A matriz pensênica religiosa levava a autora a querer seguir todos os padrões estabelecidos pela religião de maneira quase impensada, simplesmente porque “tinha de ser assim e ponto”. Sem colocar nenhum argumento lógico racional, queria casar para simplesmente seguir um ritual e ser aprovada em seu contexto familiar e social.

Neofobia. O medo do desconhecido era tamanho, a ponto de muitas das questões racionais serem abordadas de maneira religiosa como sendo inquestionável, como se todo o processo religioso fosse uma verdade absoluta a ser vivenciada.

Mesologia. Depois de muito analisar, o sonho de se casar não era tão forte e nem era efetivamente um objetivo de vida, mas sim o desejo de satisfazer os anseios dos pais e manter a imagem construída, reforçando a ideia de priorizações da mesologia em sobreposição aos próprios anseios.

Maternidade. O desejo de ser mãe, quase por puro instinto, na verdade decorria da pressão social, a qual a mulher é constantemente submetida. Hoje a maternidade é encarada de modo muito mais racional e multidimensional, analisando os impactos que esta decisão pode causar na completude da programação existencial.

Manipulação. Rotineiramente, a autora se utilizava do processo da vitimização como forma de manipulação consciencial e, como citado anteriormente, o choro era a mais corriqueira forma de manipulação utilizada pela autora. Mas os discursos de vítima eram constantes nos diálogos com o companheiro, inclusive como um modo de conseguir ainda mais atenção.

Paradigma. A autora possuía elevado receio de macular a imagem da “boa moça”, construída sob as bases do paradigma religioso: moça criada na igreja respeitando todos os “princípios morais e bons costumes”, aos quais incluía casar e ter filhos. O fato de desconstituir esta imagem perante a família potencializava o antagonismo vivenciado pela autora, demonstrando total dependência da aprovação alheia, além do elevado nível de autocobrança.

Orgulho. Após algumas leituras e muita conversa com o companheiro, algum nível de abertismo começou a aflorar na autora. Porém, o orgulho de não querer voltar atrás após ter criticado tanto a Conscienciologia não a permitia aprofundar no estudo, pois isso seria “dar o braço a torcer”. Existia uma preocupação exacerbada com a reação dos outros, caso começasse a aprofundar os estudos na Conscienciologia, em função das críticas anteriores.

3. Etapa da Autoenfrentamento

Conscienciologia. O medo do desconhecido era um dos principais fatores diagnosticados como causador do antagonismo. Porém, aos poucos, a autora percebeu a busca como única solução para transformar o desconhecido em conhecido, mas para isso precisava deixar a zona de conforto. Era necessário abandonar a postura de acomodação, deixando de lado a preocupação exacerbada com a autoimagem, e buscar entender os reais conceitos da Conscienciologia.

CPC. Observando as reciclagens e o exemplarismo do companheiro, a autora decidiu realizar o CPC (Curso de Projeciologia e Conscienciologia). Mesmo antagônica, participou do curso, com duração de 9 meses, até o final. Passou por alguns “altos e baixos”, muitas vezes dormindo durante as aulas, mas ainda assim iniciou um entendimento maior da Conscienciologia. Diferente do acreditado anteriormente, após a realização do curso, a autora constatou possuir afinidade com as ideias, e o fato gerador do antagonismo era especificamente o ponto de não casar e não ter filhos, o que, analisando de maneira mais ampla, era novamente uma preocupação com a manutenção da imagem de boa-moça.

2010. O ano de 2010 foi um ano bastante atípico para a autora. Muitas mudanças e grandes reciclagens ocorreram. Após o CPC, a autora superou aquele antagonismo inicial caracterizado pela desconfiança de a Conscienciologia ser uma “seita” ou coisa parecida, mas ainda detinha alguns receios e mantinha o antagonismo, porém em menor intensidade e ainda mantendo diversos conflitos íntimos, os quais decidiu resolver no ano de 2010.

⇒ **Consciencioterapia.** A autora iniciou o ano na condição de evoluciente em tratamento intensivo de consciencioterapia. Tal tratamento possibilitou uma série de reflexões e questionamentos sobre diversas situações, em especial quanto ao seu nível de autoconhecimento. Nestes atendimentos, muitas das perguntas básicas feitas pelos consciencioterapeutas,

a autora não sabia responder simplesmente por não se conhecer o suficiente. Tal fato causou-lhe muita angústia, a ponto de decidir tornar aquele o ano do seu autoconhecimento e reciclagem dos traços necessários, surgindo ali o início da virada consciencial da autora.

- ⇒ **Balanco Existencial.** Decidida a fazer uma parada estratégica para analisar sua vida e, quem sabe, identificar melhor quem era, mesmo com o elevado grau de antagonismo, a autora decidiu realizar o curso Balanco Existencial. Durante a realização do curso e também no período prévio, a autora apresentou momentos de “altos e baixos”, mas ao final do curso, sentia-se outra pessoa. Foi um momento de revisão de muitos conceitos e pela primeira vez conseguiu identificar e assumir seus trafores e trafares. Isso ampliou sobremaneira a visão da autora sobre diversos temas da vida, em especial a si própria e à Conscienciologia, apresentando grande afinidade com a APEX – Associação Internacional da Programação Existencial. Posicionou-se para o voluntariado na referida instituição.
- ⇒ **ECP1.** Depois de iniciado o voluntariado conscienciológico, algumas ideias e antipensões começaram a ser superados. Foi quando a autora decidiu realizar seu primeiro ECP1. Durante o curso, o fato de ter realizado previamente a consciencioterapia ajudou significativamente nos autoenfrentamentos necessários e, ao final, foram reafirmados com a apresentação para o voluntariado no IIPC.

Voluntariado no IIPC. Em agosto de 2010 a autora iniciou o voluntariado no IIPC em sua cidade, porém o nível de conflituosidade íntima quanto aos antagonismos ainda era muito alto, com diversos momentos de instabilidade, apresentando muitos *gaps* de consciencialidade, gerando cada vez mais conflitos. Mesmo voluntariando intensamente, os momentos de antagonismos ainda surgiam.

Conflito. Passando por uma destas fases de conflituosidade íntima, a autora decidiu deixar o voluntariado porque não estava segura em relação a todo o processo da Conscienciologia. Como já estava inscrita, mesmo passando por este momento, decidiu realizar o *Acomplamentarium*.

- ⇒ **Acomplamentarium.** Trata-se de um laboratório grupal, estruturado em dinâmica de acolhimentos e clarividências. Após o acolhimento com a autora, o Professor Epicon do curso comentou ter percebido, nas palavras dele “a presença de uma senhora muito séria, com cara fechada e até mesmo antagonica”. Quando ele comentou isso, uma hipótese se fez presente: a de estar se deixando influenciar por suas companhias extrafísicas assediadoras, cabia então uma análise quanto ao autoenfrentamento daquela condição.
- ⇒ **Desassédio.** Foi iniciado neste momento o processo de maior desassédio em relação a postura que vinha adotando até então, e adotou padrão de autoquestionamento quanto as suas companhias e o nível de influência que estas detinham sobre suas posturas, colocando como hipótese que o antagonismo era impulsionado pelas companhias extrafísicas, que a acompanhavam de longa data em seu contexto familiar e desde o período de religiosidade.

CDI. Depois do *Acomplamentarium*, a autora não deixou o voluntariado, porém ainda seguia com algum grau de autoconflitividade, colocando-se em uma postura de subnível evolutivo. Logo depois, a autora participou do Curso de Desenvolvimento da Interassistência (CDI). Inicialmente apresentou muita resistência quanto a sua participação, mas ainda assim, por impulso do grupo, acabou se inscrevendo no curso.

Catarse. O curso possibilitou a autora perceber como ainda estava sendo egoísta em determinadas situações, muito fora de foco e totalmente dispersa das reais prioridades. Mas, para chegar a esta conclusão foi preciso muita autoexposição. A autora expôs para o grupo todo o processo por

ela vivenciado, em especial a questão do antagonismo. Neste momento ocorreu uma catarse, onde a autora liberou, através de muito choro e algumas palavras, todas as emoções e tensões reprimidas decorrentes do momento vivenciado. Esse fato foi extremamente positivo, pois conseguiu colocar para fora seus sentimentos e, com isso, acabou sendo prontamente assistida pela equipe intra e extrafísica, possibilitando ainda uma expansão de consciência e começando a perceber e compreender realmente o processo da interassistência.

Sobrepujamento. Como resultado desta catarse, a autora ultrapassou as expectativas em relação ao curso. Ao se expor, a autora também assistiu outros colegas ali presentes. Foi através da autoexposição que a autora iniciou efetivamente o processo de autossuperação do antagonismo, o que tornou evidente, neste caso, a importância da autoexposição no processo de autocura.

4. Etapa da Autossuperação

Autossuperação. Como resultado do diagnóstico realizado de seus traços, a autora conseguiu fazer um autodiagnóstico das razões e principais fatores geradores do antagonismo. Porém, não bastaria apenas diagnosticar, fez-se necessário o enfrentamento destes fatores para se conseguir chegar a esta última etapa da autoconsciencioterapia e chegar ao momento da autocura através da autossuperação do traço, por muito tempo, impeditivo do desenvolvimento do processo evolutivo da autora.

Subnível. O antagonismo, mantinha a autora em subnível evolutivo, não a permitindo assumir seus trafores e responsabilidades assistenciais em sua programação existencial. Fez-se necessário todo o caminho percorrido para se chegar à efetiva superação deste traço, para não mais enfrentar os *gaps* por ele ocasionados.

Docência. Com cada vez menos intrusões pensênicas antagônicas, certo dia começaram a surgir *insights* e ideias em bloco quanto à docência conscienciológica, decisão até então totalmente fora dos planos de curto e médio prazo da autora. Isso, para a autora, foi um elemento confirmador de que o processo do antagonismo já estava superado.

Confirmação. O posicionamento e aprovação docente foi para a autora uma confirmação da efetiva superação do antagonismo, uma vez que, ao posicionar-se pela docência, para ela, evidenciou-se a redução das intrusões pensênicas patológicas ocasionadas pelas consciexes assediadoras até aquele momento.

Saúde Consciencial. Posicionando-se em outro patamar evolutivo enquanto voluntária e autoconsciencioterapeuta, a autora passou a assumir mais seus trafores de responsabilidade, comprometimento, organização e disciplina.

Postura. Com isso, a autora passou a adotar uma postura de maior saúde consciencial, eliminando conflitos íntimos inerentes a condição de antagonismo e assumindo efetivamente seu papel enquanto intermissivista. A autora passou a ter uma postura de responsabilidade íntima, enquanto minipeça num maximecanismo assistencial, atuando ao modo de agente retrocognitor em busca do completismo existencial (*compléxis*).

CONCLUSÕES

Autoconsciencioterapia. Para a autora ficou evidente a importância da aplicação das etapas da autoconsciencioterapia como ferramenta evolutiva fundamental para a superação efetiva de traços, por vezes escondidos ou deixados para tratamento noutro momento.

Momento. O melhor momento evolutivo para se fazer uma autossuperação é o aqui e o agora, a condição ideal é não adiar os autoenfrentamentos. Esta postura proporcionará cada vez mais saúde consciencial e trará cada vez mais ganhos evolutivos.

Maturidade Consciencial. A maturidade consciencial irá variar de acordo com cada consciência, porém através do autodiagnóstico é possível mapear a real condição de cada um enquanto consciência em evolução, sendo possível, a partir disso, realizar os autoenfrentamentos necessários para galgar novos patamares enquanto assistente.

Continuísmo. A saúde consciencial exige de cada consciência, a manutenção da busca pela evolução pessoal, bem como pela homeostase holossomática. Cabe destacar que, não basta a superação de um ou de diversos traços para o alcance da saúde consciencial integral, fazendo-se necessária a busca constante pela evolução, com foco na holomaturidade consciencial. Tal fator atuará como propulsor da autoqualificação, bem como na qualificação da assistência prestada.

**A SAÚDE CONSCIENCIAL É CONDIÇÃO SINE QUA NON
PARA CADA CONSCIÊNCIA EM BUSCA DA AUTOEVOLU-
ÇÃO E DA HOLOMATURIDADE CONSCIENCIAL EM FAVOR
DO COMPLETISMO EXISTENCIAL.**

REFERÊNCIAS

Houaiss, Antonio; & Villar, Mauro de Salles; *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*; LXXXIV; 1.986 p.; 1.384 abrevs.; 1 foto; 6 ilus.; 1 microbiografia; 19 tabs.; glos. 228.500 termos; 1.582 refs. (datações etimológicas); 804 refs.; 31 x 22 x 7,5 cm; enc.; *Objetiva*; Rio de Janeiro, RJ; 2009, página 142.

Takimoto, Nário; *Princípios Teáticos da Consciencioterapia*; *Journal of Conscienciology*, Volume 9, No. 33-S; IAC, Editares, Foz do Iguaçu, 2006; p. 11-28.

Vieira, Waldo; *Enciclopédia da Conscienciologia Eletrônica*; CD 2.146 verbetes; 7ª edição, 9.000 páginas; 352 especialidades; *Editares; Comunicons & CEAEC*; 2012 (verbetes consultados: Antagonismo; Antagonismologia; Sinergismo Conscienciometrologia - Consciencioterapia)

Vieira, Waldo; *Homo sapiens pacificus*; 1.584 p.; 24 seções; 413 caps.; 403 abrevs.; 434 enus.; 484 estrangeirismos; 37 ilus.; 5 índices; 240 sinopses; 36 tabs.; glos. 241 termos; 9.625 refs.; alf.; geo.; ono.; 29 x 21,5 x 7 cm; enc.; 3ª Ed. Gratuita; *Associação Internacional do Centro de Altos Estudos da Conscienciologia (CEAEC)*; & *Associação Internacional Editares*; Foz do Iguaçu, PR; 2007; página 879.

Vieira, Waldo; *Projeciologia: Panorama das Experiências da Consciência Fora do Corpo Humano*; 1.248 p.; 525 caps.; 150 abrevs.; 43 ilus.; 5 índices; 1 sinopse; glos. 300 termos; 2.041 refs.; alf.; geo.; ono.; 27 x 21 x 7 cm; enc.; 5ª Ed.; *Instituto Internacional de Projeciologia e Conscienciologia (IIPC)*; Rio de Janeiro, RJ; 2002; página 366.